

## **A VITIVINICULTURA EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS: ANÁLISE DA INSERÇÃO DAS VITIVINÍCOLAS NA CADEIA PRODUTIVA<sup>i</sup>**

### **VITICULTURE IN SANTANA DO LIVRAMENTO/RS: ANALYSIS OF THE INSERTION OF WINE-GROWING ENTERPRISES IN THE SUPPLY CHAIN**

**Alessandra Troian**

Doutora em Desenvolvimento Rural (UFRGS)  
Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)  
Santana do Livramento, RS – Brasil  
alessandratroian@unipampa.edu.br

**Rosimari Simas Ferreira**

Bacharel em Ciências Econômicas  
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)  
Santana do Livramento, RS – Brasil  
rssimas@gmail.com

**Débora Nayar Hoff**

Doutora em Agronegócios (UFRGS)  
Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)  
Santana do Livramento, RS – Brasil  
deborahoff@unipampa.edu.br

\* **Recebido em: 07/10/2020**

\* **Aceito em: 16/03/2021**

#### **RESUMO**

A vitivinicultura no Brasil tem se mostrado promissora e o Rio Grande do Sul está inserido nesse contexto, como um dos principais produtores de vinhos e seus derivados, destacando a emergente produção na região da Campanha Gaúcha. Neste sentido, o estudo visa analisar a inserção das empresas vitivinícolas de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, na cadeia produtiva da vitivinicultura. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, realizada através da revisão bibliográfica e de entrevistas com os gestores das quatro principais vitivinícolas instaladas no município. Os resultados apontam que os insumos usados na produção das uvas e dos vinhos são oriundos de fora do município, ou seja, a cadeia produtiva está estruturada fora de Santana do Livramento, dependendo de outras regiões, inclusive de outros países. A inserção das vitivinícolas na cadeia produtiva da vitivinicultura brasileira se dá mediante o fornecimento de matéria-prima de qualidade, aproveitando as características de clima, solo e relevo da região, já que o produto final é acabado em apenas um empreendimento, nos demais, o processo de finalização ocorre na Região da Serra Gaúcha.

**Palavras-chave:** Uva; Encadeamentos; Produtores; Desenvolvimento Regional; Campanha Gaúcha.

#### **ABSTRACT**

Viticulture in Brazil has proved promising and the Rio Grande do Sul is inserted in this context, as one of the main producers of wines and their derivatives, highlighting the emerging production in the region of Campanha Gaúcha. In this sense, the study aims to analyze the insertion of wine companies in Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, in the production chain of wine. Methodologically, the research is characterized as qualitative, conducted through

literature review and interviews with the managers of the four main wineries installed in the municipality. The results indicate that the inputs used in the production of grapes and wines come from outside the municipality, i.e., the production chain is structured outside Santana do Livramento, depending on other regions, including other countries. The insertion of the wineries in the production chain of Brazilian winemaking takes place through the supply of quality raw material, taking advantage of the characteristics of climate, soil and relief of the region, since the final product is finished in only one venture, in the others, the finishing process occurs in the Serra Gaúcha Region.

**Keywords:** Grape; Chains; Producers; Regional Development; Gaucho Campaign.

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil integra o que se convencionou chamar de produtor do novo mundo do vinho e cuja produção e consumo encontram-se em um cenário de expansão, embora com queda na produção nos últimos anos. No ano de 2018 a produção brasileira foi de 1.592 toneladas de uvas, com uma área plantada de 75.951 hectares (EMBRAPA, 2018). Quanto ao consumo, o Brasil tem crescimento potencial, visto que o consumo se encontra na faixa de 1,9 litro per capita/ano (dados de 2018), muito menor que em Portugal, por exemplo, onde este valor chega a 51 litros per capita/ano (VIDA RURAL, 2019).

Voltando-se para a produção interna brasileira, cabe destaque à vitivinicultura do Rio Grande do Sul, inserida na Serra Gaúcha pelos colonizadores italianos a partir de 1875. Os imigrantes trouxeram seus costumes e a experiência na fabricação do vinho e derivados, bem como as mudas das videiras. O clima favorável do estado intensificou as potencialidades da vitivinicultura, a incidência solar bem como a variação da temperatura, considerando que os dias são mais quentes e noites mais frias, foram relevantes para o aperfeiçoamento da cultura das videiras (IBRAVIN, 2014).

Atualmente, as duas maiores regiões vitícolas do Estado localizam-se na Serra e na Campanha Gaúcha, a primeira mais conhecida e estudada, enquanto a segunda merece a atenção, por ser um novo polo de produção de vinhos finos (MANFIO, 2019). Ou seja, nas últimas décadas, com a evolução industrial e o aprimoramento das novas tecnologias, outras regiões do estado passaram a produzir uvas e vinhos, dentre elas estão os municípios que compõem a Campanha Gaúcha, como Santana do Livramento, onde a produção de vinhos finos e espumantes de qualidade, passaram a ter destaque internacional (SARMENTO, 2017).

Segundo Sarmento (2017), a vitivinicultura no clima temperado da Região da Campanha é caracterizada por ciclo anual, acompanhado de um período de dormência, devido as baixas temperaturas do inverno da região. Em 2015, Santana do Livramento possuía aproximadamente 790 hectares de vinhas plantados, com produção de 3.392 toneladas de uva (IBGE, 2016). A emergência do setor vem acompanhada de outras atividades associadas, como o turismo, e parecem trazer mudanças para a dinâmica econômica regional, criando expectativas sobre uma contribuição para o desenvolvimento do território, muito em função das relações presentes na sua cadeia produtiva (SILVEIRA, 2018).

É esperado que quanto mais a cadeia produtiva tiver relações na região que se observa, mais a sua dinâmica tenda a influenciar a economia da região (MYRDAL, 1960; HIRSCHMAN, 1977). Para regiões de economia deprimida, ou que buscam melhorar as dinâmicas econômicas capazes de alavancar processos de crescimento econômico, este tipo de conhecimento tem relevância especial, porque pode orientar não só investimentos privados, como políticas públicas específicas.

Nesse sentido, o presente estudo visa analisar a inserção das empresas vitivinícolas de Santana do Livramento na cadeia produtiva brasileira. Para tanto, foram analisadas quatro, das cinco vitivinícolas pertencentes a Associação dos Vinhos da Campanha, localizadas no município. Santana do Livramento faz parte do Conselho Regional de Desenvolvimento da

---

Fronteira Oeste, Microrregião da Campanha Central, na fronteira do Brasil com o Uruguai. Destaca-se na produção de arroz, pecuária e soja, e a emergente produção frutífera, com evidência para a vitivinicultura (ENGELMANN, 2009).

## 2. CADEIAS PRODUTIVAS AGROINDUSTRIAIS NO BRASIL

A ideia de cadeia agroindustrial foi difundida na década de 1960, no cenário mundial a partir de duas vertentes de pensamento. A primeira é a vertente norte-americana, vista com o início dos estudos de Davis e Goldberg (1957), que cunharam o termo *agribusiness*, no Brasil também chamado de agronegócio. A segunda vertente vem da escola industrial francesa, trazendo a noção de *analyse de filière*, traduzido para o português como cadeia agroindustrial.

Para Goldberg (1968) existe uma complexa inter-relação entre o produtor, aqueles que lhe fornecem suprimento, aqueles que fazem o processamento industrial, aqueles que fazem o marketing do produto que teve origem na propriedade e aqueles que farão a comercialização do produto final. Todas estas relações implicam em maior ou menor competitividade dos produtos o agronegócio e em maior ou menor relação entre a dinâmica produtiva observada e a região onde ocorre o processo produtivo. Neste sentido, as decisões ocorrem ao longo do processo que transforma uma matéria prima de origem agropecuária em um produto final. A coordenação do processo produtivo ao longo das cadeias depende de como as transações econômicas são definidas entre os agentes, ao longo do processo. Podem estar inseridas em estruturas de integração vertical, coordenadas por contratos ou resolvidas por interações no mercado spot. Estas definições dependem de especificidade dos ativos, frequência das transações e dos níveis de confiança estabelecidos entre os agentes. Em análises que buscam identificar os agentes capazes de coordenar atividades ao longo das cadeias produtivas, não é incomum identificar-se o elo industrial como sendo o agente que reúne condições para esta coordenação.

Assim, mas com um foco mais estrito, a *filière* de produção analisa as operações que se inter-relacionam umas com as outras, entendendo que cada operação é responsável pela produção de um bem utilizado pela operação seguinte. Ou seja, é uma sequência de atividades destinadas a servir um consumidor final, situado na extremidade do processo. A análise de *filière* considera o papel das tecnologias na construção dos sistemas produtivos, o fenômeno de integração e seus efeitos de complementaridade e sinergia na sequência do processo, a análise do quadro de entradas e saídas que analisa as relações hierárquicas e de dominação entre os atores e por último, a análise das estratégias das firmas e dos grupos aos quais a *filière* representa um espaço de valorização do capital (MORVAN, 1991).

No Brasil a noção de cadeia produtiva ganha força na década de 1980, visto que passa amplamente a ser utilizada não só por pesquisadores da área, mas também no meio empresarial e político. Desenvolvido com o intuito de ser um instrumento de observação sistêmica do processo produtivo, o conceito de cadeia produtiva tem como ponto inicial o argumento de que os mais variados atores que compõem a produção de bens, se interconectam por meio de canais de capitais, de materiais e informação, até os produtos chegarem no produtor final (CASTRO, 2018).

Segundo Callado (2009), as cadeias de produção podem ser definidas como sendo um encadeamento de operações de transformação capaz de separar-se e ligar-se do mesmo modo, através de uma sequência técnica. As práticas econômicas que envolvem o agronegócio, são compostas por uma série de ações que compõem as cadeias de produção. Portanto o conceito de cadeias tem um aspecto amplo não conseguindo englobar todas as características que envolvem integralmente os atributos do sistema agroindustrial.

A cadeia de produção agroindustrial não é estática, estando sujeita a modificações ao longo do tempo (BATALHA, 2008). A cadeia de produção segue uma dinâmica que envolve vários mercados agroindustriais, podendo ser utilizada para a compreensão e interpretação dos

fenômenos ocorridos em cada setor agroindustrial, bem como sua interdependência entre os diversos agentes (CALLADO, 2009).

Para Batalha (2008), a cadeia de produção serve para descrever o processo de encadeamento econômico e tecnológico. Segundo o autor, uma cadeia de produção agroindustrial pode ser dividida da jusante à montante, levando a três macrosssegmentos: comercialização, industrialização e produção de matérias-primas, mesmo que de certa forma, os limites desta divisão não venham a ser identificáveis, podendo variar conforme o produto e, por conseguinte ao objetivo de cada análise.

Outro enfoque que pode ser dado para a análise de cadeias produtivas é a que se refere a cadeias de suprimento (*supply chain*). Este tipo de análise permite a observação detalhada, em termos de competitividade, de uma cadeia ou segmento produtivo específico. Observa os produtos finais e suas características para a definição da competitividade do arranjo e por esta orientação, focalizada ao segmento ou mercado analisado, dificulta o estabelecimento de políticas gerais, além de não considerar a questão territorial como ponto básico de análise. Tem como vantagens o fato de evidenciar diretamente as relações de poder que induzem as ações de racionalização do processo operacional e considerar a tecnologia como passo fundamental na lógica de racionalização dos processos. Além disso, permite verificar a estratégia usada e os meios empregados na cadeia específica, centrando-se na identificação dos gargalos e sua eliminação (WOOD JR; SUFFO, 1998; LEHTINEN; TORKKO, 2002; NG, 2002).

Existem sinalizações de que as discussões recentes no gerenciamento de cadeias de suprimento (SCM) têm migrado de uma visão macro, envolvendo um amplo espectro econômico de diversos países, para uma visão micro, focando o nível industrial. As constatações recentes sinalizam que o poder tem mudado da produção para o varejo, que há uma consolidação de pequenos varejistas locais e regionais dentro das cadeias nacionais e que existe uma mudança de uma mentalidade do tipo “*Make-and-Sell*” para uma orientação “*Sense-and-Respond*”. Além disso, percebem-se obstáculos à integração das cadeias de suprimento, os quais podem ser classificados em: a) necessidade de globalização; b) necessidade de estabelecimento de interesses comuns; c) necessidade de um sistema interorganizacional; d) necessidade de múltiplas cadeias de suprimento dentro de uma companhia; e) necessidade de confiança entre os participantes da cadeia (CRANDALL; CRANDALL; CHEN, 2014).

Ainda entre as evoluções mais recente da abordagem estão as análises que envolvem a gestão ambiental de cadeias de suprimento em cadeias globais, o que acompanha avanços das discussões sobre organizações sustentáveis (KOBBERG; LONGONI, 2019). Para os objetivos do estudo, considera-se que não é a melhor abordagem de análise de cadeia produtiva a ser adotada no momento, visto que se está avançando na identificação de sua existência e características de sua emergência, em especial por ser uma cadeia produtiva de estabelecimento recente.

Cabe mencionar, que diversos setores agroindustriais utilizam a noção de cadeia produtiva para analisar produtividade, eficiência e os elos que compõem o setor. Como exemplo, o estudo da cadeia produtiva da carne bovina realizada pela série agronegócios, tendo como coordenadores Buainain e Batalha (2007), a cadeia produtiva da soja analisada por Pinazza (2007) e a pesquisa como de Perobelli, Araújo Junior e Castro (2018), sobre a cadeia produtiva do leite, entre outros. Em estudo feito para analisar como os estados da Região Sul do Brasil aplicam suas políticas de apoio a arranjos produtivos locais (APLs), a partir de planejamentos plurianuais, evidencia-se a importância de projetos que ajudem no adensamento de cadeias produtivas e fortalecimento destas para que os APLs contribuam para o desenvolvimento regional (CORRÊA NETO; MARINI; GAZOLLA, 2018).

O estudo das cadeias produtivas é explicado, segundo a ótica da integração das atividades de insumos e produtos. Tendo em conta o conhecimento e a proporção dos mercados estratégicos, tal fato propicia a busca do desenvolvimento articulado entre os agentes, tanto do

---

setor privado quanto do setor governamental, juntamente com o setor de ciências e tecnologia, objetivando a geração de maior valor agregado (TRICHES; SIMAN; CALDART, 2004).

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa a partir de um estudo exploratório. Segundo Silveira e Córdoba (2009, p. 32), o estudo qualitativo “preocupa-se [...] com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Os dados foram coletados nas vitivinícolas situadas em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, e pertencentes a Associação dos Vinhos da Campanha, a saber: Nova Aliança/Santa Colina, Cordilheira de Santana, Miolo/Almadén e Salton. A associação foi fundada em 2010 por empresas dos ramos vitícola e vitivinícola com atuação na Campanha Gaúcha. Atualmente fazem parte da associação dezesseis empresas (ASSOCIAÇÃO DOS VINHOS DA CAMPANHA, 2020). A coleta de dados ocorreu em quatro das cinco empresas, pertencentes à Associação dos Vinhos da Campanha, situadas no município<sup>ii</sup>.

As técnicas de coleta de dados utilizadas na pesquisa foram: pesquisa bibliográfica e entrevistas. A pesquisa bibliográfica baseou-se em estudos realizados e publicados acerca da temática, sobretudo sobre a produção de uvas e vinhos na Campanha Gaúcha. Foram realizadas cinco entrevistas, três com gestores das vitivinícolas (duas realizadas pessoalmente e uma por telefone), e duas entrevistas com o enólogo responsável pela vinificação e com o encarregado pelos vinhedos, de uma das vitivinícolas.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado elaborado previamente com base na literatura e nos objetivos da pesquisa. Para a estruturação das entrevistas, foi considerada a necessidade de obter informações sobre as seguintes variáveis: a) a origem geográfica das máquinas e implementos, fertilizantes e agrotóxicos e outros insumos agropecuários, sementes e mudas e créditos financeiros; b) a origem da matéria-prima, tipo de colheita utilizada, características da mão de obra utilizada e produção por hectare; c) as etapas do processo de vinificação presentes na estrutura industrial local; d) as características do sistema de transporte utilizado para o produto final da agroindústria; e) os locais e as características da comercialização do produto final. As entrevistas foram gravadas, mediante autorização dos participantes da pesquisa, e posteriormente transcritas. Destaca-se que a coleta de dados ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2018.

Os dados coletados mediante entrevistas foram analisados através da análise de conteúdo, a partir de uma aproximação do método proposto por Bardin (2011). Assim, o item a seguir apresenta os resultados da pesquisa, iniciando pelo cenário da vitivinicultura em Santana do Livramento.

### 4. A VITIVINICULTURA NA CAMPANHA GAÚCHA

O clima influencia o cultivo da videira, interferindo na qualidade da uva, deixando o produto final com diferencial para ganhar o mercado (EMBRAPA, 2003). As condições classificadas como ideais para o cultivo da videira encontram-se em regiões de clima temperado, especialmente entre os paralelos 30° e 50° (Norte e Sul). Essas regiões oferecem equilíbrio entre exposição solar, chuvas e temperatura. Ou seja, as regiões localizadas ao Norte da Europa, parte da Ásia, seguidos de alguns países da América do Norte, região ao Sul na Austrália, Nova Zelândia, bem como a América do Sul e África do Sul são propícias para a produção de uvas e vinhos (TRICHES; SIMAN; CALDART, 2004; SILVEIRA, 2018).

A vitivinicultura brasileira diferencia-se de acordo com a região da qual faz parte, justamente porque as uvas respondem ao clima da região onde são produzidas. Segundo Sarmento (2017), na região Sul o predomínio é do cultivo de uvas americanas e híbridas para a produção de vinhos e sucos. Na última década, a região da Campanha Gaúcha destacou-se na

produção de uvas para a fabricação de vinhos finos. A princípio, diversos fatores estão associados à inserção da produção vitivinícola na região da Campanha Gaúcha, tal qual pode-se mencionar a drenagem do solo, a luminosidade solar, o clima e as características topográficas que envolvem a região (SARMENTO, 2017).

A vitivinicultura foi inserida na região através de investimentos externos vindos inicialmente de empresas multinacionais. Também ocorreu a instalação de empresas vinícolas da Serra Gaúcha, cuja finalidade era de expandir os vinhedos para uma área até então considerada fora do eixo tradicional, inclusive sem tradição vitivinícola (FLORES, 2011). O desenvolvimento da região da Campanha Gaúcha, mediante a produção de vinhos finos, caracteriza-se como uma forma de diversificação da produção local (ZEPPEFELD, 2013). Neste sentido, vale destacar que a Região da Campanha Gaúcha foi historicamente reconhecida pela produção pecuária, com posterior inserção da produção de grãos, primeiro arroz e mais recentemente, soja. A entrada da produção frutícola, como elemento de diversificação e redinamização da economia local, na região está associada a projetos de fomento do Governo do Estado, especialmente o Programa de Fruticultura Irrigada da Metade Sul do RS (PSFIMS/RS) e o Programa Estadual da Fruticultura (PROFRUTA/RS), implementados pelo Governo Federal em 1997 (RATHMANN et al., 2008).

Os incentivos estatais, sobretudo financeiros, resultaram em expansão da área cultivada com frutíferas na região da Campanha Gaúcha. A título de exemplo, a área colhida na fruticultura regional aumentou de 2.372 ha em 1996 para 3.577 em 2017 (aumento de 51%) (IBGE, 2019). Uvas, laranjas, tangerinas e pêsegos têm sido as principais produções da região, com expansão significativa da produção de uvas nos últimos 20 anos, de 4.636 toneladas produzidas em 1996 para 11.937 toneladas produzidas em 2017 (ROSA, 2018).

Neste contexto, observando-se especificamente em Santana do Livramento, a produção de uvas cresceu no período observado. Em 1996 estavam destinados à colheita 537 ha, os quais chegaram a 998 ha no ano de 2017 (expansão de 85% da área em 21 anos). Isso refletiu no aumento da produção de 4.195 ton. para 7.505 ton. no mesmo período (em 2017 o município respondeu por 63% da produção de uvas da região da Campanha Gaúcha (IBGE, 2019).

Complementarmente, a expansão da produção de vinhos e derivados também é relevante. Segundo o IBRAVIN (2018), o Rio Grande do Sul produziu em 2006, 276,33 milhões de litros, já em 2018 a produção de vinhos e derivados foi de 417,35 milhões de litros. No período, a produção gaúcha teve um aumento de 51,03%. O município de Santana do Livramento, processou em 2017, mais de 7 milhões de litros (7.324.246), correspondendo a 1,00% do total do estado, ficando em 11º lugar, abaixo dos municípios da Região da Serra Gaúcha (IBRAVIN, 2017).

Considerada esta evolução, a produção de uvas e vinhos, ou seja, a vitivinicultura desperta interesse de diversos segmentos da economia, tanto no âmbito estadual, quanto federal. A vitivinicultura contribui com o fortalecimento e melhoria da competitividade, visto que, configura um guia de geração de emprego e renda, levando ao aquecimento da economia (SOUZA; KLIEMANN NETO, 2002). No entanto, algumas características da cadeia produtiva da uva diferenciam-se das demais frutas. A uva utilizada para o consumo é dividida em dois grupos: uvas finas e uvas de mesa. As uvas para processamento possuem finalidades distintas, como para sucos, vinhos de mesa, vinhos finos, espumantes, sendo que cada uma possui características únicas (MELLO, 2015). Neste sentido, a seguir aborda-se especificamente acerca da produção de uvas e vinhos em no município de Santana do Livramento.

#### **4.1 A produção de uvas e vinhos em Santana do Livramento/RS**

Os empreendimentos vitivinícolas de Santana do Livramento analisados na presente pesquisa serão apresentados no Quadro 01, a seguir. O quadro traz um resumo das principais características e ano de instalação dos empreendimentos, a saber: Cordilheira de Santana,

Cooperativa Agroindustrial Nova Aliança, Miolo/Almadén e Salton. Os empreendimentos vitivinícolas iniciaram suas atividades em Santana do Livramento nos anos 2000, condizente com a história recente do setor na região. A empresa mais antiga em operação no município é a Cordilheira de Santana, já com 20 anos de história local. Destaca-se a empresa Salton como a mais jovem, com uma década de atuação no município.

**Quadro 01 – Empreendimentos vitícolas vitivinícolas de Santana do Livramento/RS**

Vitivinícola	Principais Características	Ano de instalação em SL
<b>Cordilheira de Santana</b>	Localiza-se há aproximadamente 20 km do centro do município, possui uma área plantada de 20 hectares, totalizando 48 hectares. Em 2005 a vitivinícola lançou um dos primeiros vinhos da empresa.	2000
<b>Cooperativa Nova Aliança</b>	Composta pelas vinícolas Aliança e Cooperativa São Victor (Caxias do Sul/RS), Cooperativa São Pedro e Cooperativa Santo Antônio (Flores da Cunha/ RS) e a Cooperativa Linha Jacinto (Farroupilha/ RS). A Nova Aliança conta com vinhedo próprio, 40 hectares, localizado a aproximadamente 20 km do centro do município.	2003
<b>Miolo/Almadén</b>	Atua em quatro regiões: Vinícola Miolo no Vale dos Vinhedos/RS, Seival localizado na Campanha Meridional do RS, Vinícola Almadén na Campanha Central/ RS e a Vinícola Terra Nova no Vale do São Francisco/BA. Faz parte do grupo Miolo. Em Santana do Livramento, os vinhedos contam com uma área de 1.200 hectares, sendo que 450 hectares se encontram em produção. A sede fica a 20 Km do centro do município.	2009
<b>Salton</b>	Fundada em Bento Gonçalves, em 1910, no ano 2010 a vitivinícola adquiriu terra em Santana do Livramento para o plantio das videiras. Localiza-se a aproximadamente 19 km do centro do município. Atualmente possui 130 hectares de vinhedos.	2010

Fonte: Adaptado de Silveira (2018) e Miolo (2018).

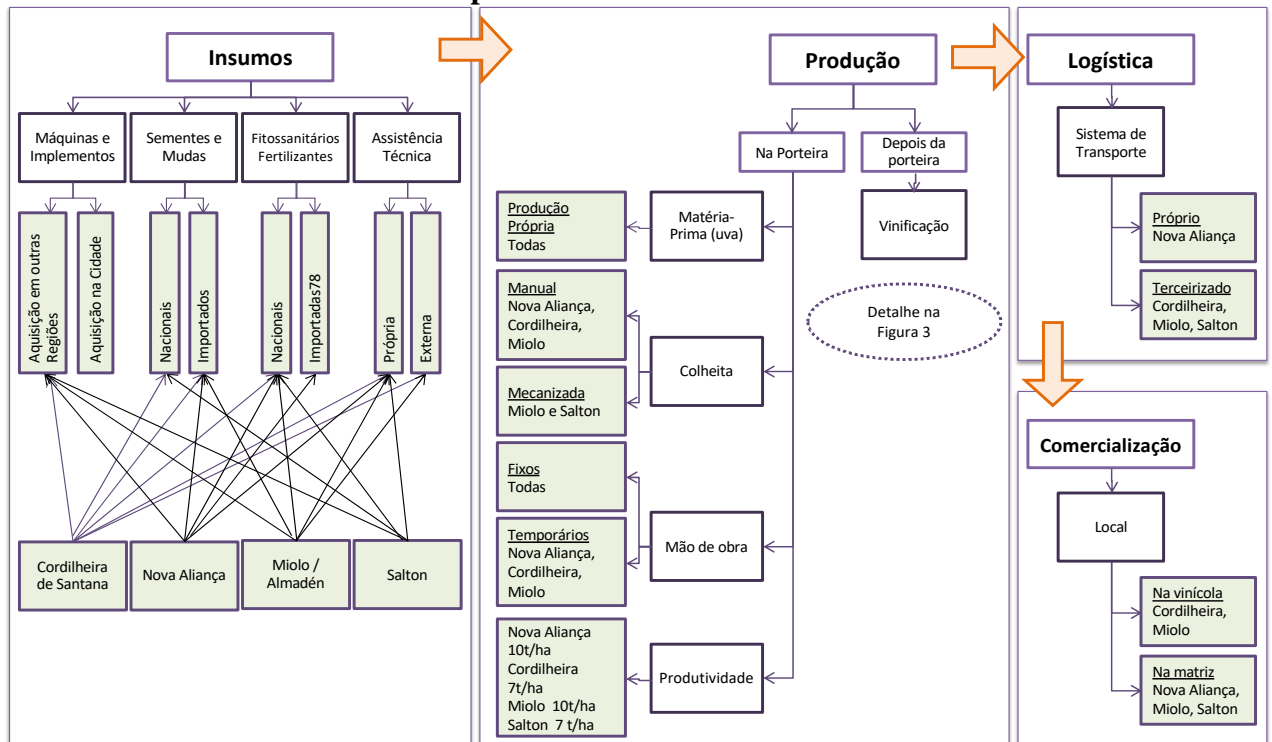
Dos empreendimentos analisados, apenas um é local, os demais são cooperativas e/ou têm sede na Serra Gaúcha. Visando apresentar a inserção das vitivinícolas na cadeia produtiva, a Figura 01, a seguir, exibe a caracterização a montante e a jusante, ou seja, onde as vitivinícolas adquirem seus insumos, a logística e comercialização até o consumidor final.

A inserção na cadeia produtiva inicia com a seleção de um lugar para o cultivo das videiras. A escolha do local está relacionada com os interesses dos empreendedores e também do que a região pode ofertar. A vitivinícola Cordilheira de Santana se instalou no município devido à possibilidade da terra ser mecanizada, considerando a redução do trabalho. Na implementação das vitivinícola também foi considerado o tipo de solo da região, conforme é possível verificar na fala do entrevistado.

Faz a aquisição de uma propriedade, cuidando para que a terra seja mecanizada, para não ficar tudo manual, avalia o solo, faz as correções necessárias, com a orientação de um Engenheiro Agrônomo, o solo não pode ser úmido (Entrevistado 1/ Cordilheira de Santana).

As empresas vitivinícolas têm se instalado e/ou implementado filiais em Santana do Livramento devido ao fato das terras terem um valor abaixo do mercado e ainda por elas serem planas, passíveis, de mecanização, reduzindo, dessa forma os custos e permitindo a produção em escala. (HEXSEL, TONI; WILK; 2006; ASSOCIAÇÃO DOS VINHOS DA CAMPANHA, 2020).

**Figura 01 – A inserção das vitivinícolas de Santana do Livramento/RS na cadeia produtiva brasileira**



Fonte: Elaboração própria, com base na pesquisa de campo.

Os demais entrevistados, gestores das vitivinícolas, foram unânimes em esclarecer que a escolha da região da Campanha Gaúcha para a implantação de vinhedos próprios para a fabricação de vinhos finos deu-se em decorrência do clima e solo propícios para a atividade, seguidas da possibilidade de mecanização, precipitação pluviométrica média por ano e quantidade de sol.

Foram feitos alguns estudos encomendados pela Almadén, quando ainda pertencia a empresa da Califórnia, este estudo estabeleceu que a região da campanha tinha alguns indicadores melhores para produção de uvas e até o tipo de solo e relevo para mecanização, questões de solo, clima e adaptação da variedade de uva (Entrevistado 3/ Miolo Almadén).

Os argumentos apresentados pelos entrevistados corroboram com Triches, Siman; e Caldart (2004). Os autores destacam que os paralelos 30° e 50° tanto Norte, quanto Sul, possuem as melhores condições de plantio das videiras. Neste sentido, destaca-se que Santana do Livramento está localizado no paralelo 31° e este elemento tem sido um dos principais motivadores na instalação dos parreirais e das vitivinícolas.

Quanto aos equipamentos utilizados, a maioria dos produtos para a implantação dos vinhedos vem da Serra Gaúcha, com exceção das máquinas utilizadas na lavoura, já que duas vitivinícolas adquiriram localmente. O Quadro 02 ilustra a origem os equipamentos de cada um dos empreendimentos estudados.



**Quadro 02 - Equipamentos utilizados na implantação de vinhedos em Santana do Livramento/RS**

Vitícolas/Vitivinícolas	Origem dos equipamentos
Cordilheira de Santana	Santana do Livramento.
Nova Aliança	Adquiridos fora do município - não identificou a localidade.
Miolo/Almadén	Região da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves e Caxias do Sul; alguns importados.
Salton	Metade dos equipamentos adquiridos localmente e o restante adquiridos na Serra Gaúcha.

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo.

Os demais produtos de manejo, como pulverizador, reboque, roçadeira, adubadeira, desengaçadeira, prensa, bombas, grade, postes, arames, tutor, entre outros, são adquiridos na Serra Gaúcha. Os equipamentos de uso diário, como por exemplo, fitas para prender os brotos que evitam que os mesmos venham a quebrar com o vento, são adquiridos no comércio local apenas pela vitivinícola Cordilheira de Santana. As demais vitivinícolas adquirem na Serra Gaúcha.

Os equipamentos mais sofisticados são adquiridos fora do país, como por exemplo, na Itália e no Chile. O processo de compra, para a maioria das vitivinícolas, é realizado através do setor de compras das matrizes, em parceria com importadoras estabelecidas na Serra Gaúcha.

A gente importa direto da fonte da empresa depende se é Chile, Itália ou França. A parte industrial do vinho, é tudo importado, através de uma empresa de importação de Bento. A parte de viticultura necessita de muito equipamento importado, dependendo do tipo de equipamento, a maior parte são trazidos por importadores, localizados na Região de Bento, Caxias, Farroupilha. Esse é o grande centro de importação de equipamentos (Entrevistado 3/Miolo Almadén).

As mudas de videiras foram importadas nas quatro vitivinícolas analisadas. Atualmente a vitivinícola Cordilheira de Santana realiza seus próprios enxertos. As uvas europeias ou *Vitis vinifera*, obrigatoriamente devem ser formadas pelo sistema de enxertia, devido à suscetibilidade a doenças de solo. Nesse caso, o porta-enxerto garante maior produtividade, aliada à qualidade da uva, mantendo maior tolerância aos ataques causados pelas doenças do solo (EMBRAPA, 2003). Nas demais vitivinícolas, quando necessário aumentar a área plantada, buscam as mudas na Serra Gaúcha.

As mudas, nos primeiros dois anos de implantação a gente importou da Itália, isso lá em 2010/2011 e na sequência, até este ano agora vamos dizer assim, a gente tá ainda implantando vinhedo, vai continuar implantando vinhedos, porém num ritmo menor, para contemplar favoravelmente para conosco as mudas são originárias do Rio Grande do Sul, não são originárias de Santana do Livramento, mas são mudas nacionais (Entrevistado 4/Salton).

A origem dos agrotóxicos e fitossanitários, na sua maioria, é da Serra Gaúcha, entre os municípios de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. Já os fertilizantes são adquiridos de empresas de outras regiões do estado. Os agrotóxicos e fitossanitários compreendem todos os tratamentos que envolvem a plantação e manutenção dos parreirais até a colheita das uvas. Na vitivinícola Nova Aliança a origem dos insumos, sobretudo para a elaboração dos vinhos, conforme o relato do entrevistado, vem de diversas regiões do mundo:

Os insumos agrícolas que fazem parte dos vinhedos e os insumos analógicos que são para a parte de produção de vinhos. Os analógicos vêm de várias partes do mundo, Itália (clarificantes), França (leveduras), depende do objetivo de cada produto tem

---

muito produto brasileiro, mas a maioria é importado. Os insumos como o calcário, os adubos são sempre comprados de fora, geralmente da Região da Serra. Devido a matriz da empresa também ser na Serra, bem como o setor de compras é lá, consequentemente os insumos veem de lá (Entrevistado 2/Nova Aliança).

Para a manutenção dos parreirais, adotam-se medidas de controle e prevenção de doenças e pragas, para isso utiliza-se os agrotóxicos e fitossanitários. Os fitossanitários são adquiridos fora de Santana do Livramento, a origem é diversa, tanto no mercado nacional como internacional. Neste sentido, Silveira (2018), em pesquisa realizada com as vitícolas e vitivinícolas da Campanha Gaúcha identificou, dentre os entraves para o desenvolvimento do setor, a distância entre o mercado consumidor e os fornecedores de insumos. Ou seja, o fato dos insumos e dos consumidores estarem distantes afeta o processo e os valores dos produtos tornando-os menos competitivos.

Os insumos necessários para o cultivo da uva vêm de outras regiões por não haver fornecedores locais. Um dos motivos pela carência de oferta de fornecedores ocorre devido à distância de Santana do Livramento dos grandes centros comerciais. A fala do técnico da vitivinícola Salton evidencia a situação, “*os demais insumos pertinentes à formação dos vinhedos são adquiridos de fora de Santana do Livramento, porque aqui infelizmente, não temos fornecedores*” (Entrevistado 4/Salton). Ressalta-se que a Serra Gaúcha se encontra consolidada no setor vitivinícola, o que propicia a aproximação de fornecedores para a cadeia, diferentemente de Santana do Livramento, onde a produção de uvas e vinhos é relativamente nova.

Para Souza e Kliemann Neto (2002), os principais elos que constituem a cadeia produtiva vitivinícola, são os fornecedores de insumos, tanto dos fertilizantes, quanto das máquinas e equipamentos. No caso das vitivinícolas de Santana do Livramento, tanto os fertilizantes, agrotóxicos, garrafas e rolhas, quanto os equipamentos para a lavoura e indústria são oriundos da Serra Gaúcha.

A assistência técnica entre as vitivinícolas estudadas é diversa. A vitivinícola Cordilheira de Santana conta com a experiência do administrador e recebe orientações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). A vitivinícola Nova Aliança possui um supervisor na área industrial, a manutenção do vinhedo fica a cargo da equipe local, os equipamentos têm assistência técnica da revendedora. Na Miolo/Almadén a assistência em relação à indústria é feita por pessoal de fora do município, enquanto os vinhedos são assistidos pela equipe da empresa. Conforme as falas dos entrevistados:

A gente tem a orientação de um técnico que presta assessoria técnica e eu também entendo muito dessa parte, tenho uma formação de enologia, mas eu tenho uma prática muito grande, devido a outros lugares em que eu já trabalhei, convivi com muitos problemas e também ser por produtor rural, então tem essa vantagem de você já saber o que fazer com a situação e tem uma orientação até o próprio SEBRAE tem um agrônomo que nos orienta (Entrevistado 5/Cordilheira de Santana).

A gente tem um técnico agrícola que é quem supervisiona, é o responsável pelos vinhedos. Na parte de enologia a gente tem o supervisor da área industrial também, no caso dos tratores e equipamentos agrícolas, quando eles são novos tem assistência da revenda e a mecânica a gente faz por aqui mesmo (Entrevistado 2/ Nova Aliança).

No caso das máquinas e dos equipamentos eu tenho uma equipe própria, para a parte de manutenção de tratores e de equipamento de campo nós mesmos fazemos e quando for algum equipamento mais delicado (equipamentos industriais), normalmente vem algum representante da empresa, vem gente de fora (Entrevistado 3/ Miolo Almadén).

A assistência técnica é um elo importante tanto para a agroindústria como para a viticultura, pois realiza a manutenção dos equipamentos e vinhedos para que a produção não seja interrompida, funcionando como uma engrenagem no grupo dos insumos, dentro da cadeia produtiva. Relevância destacada pelos estudos de Savóia (2009) e Castro (2018), que salientam a importância da assistência técnica na agroindústria.

A mão de obra utilizada nas vitivinícolas está relacionada com o tipo de colheita realizada, podendo ser manual ou mecanizada, também varia entre fixa e temporária. Os empreendimentos que realizam a colheita de forma mecanizada contratam menos mão de obra, conforme pode-se observar no Quadro 03. O discurso do entrevistado elucida a diferenciação.

Os funcionários efetivos e os temporários na sazonalidade quando é necessário a gente traz pessoas que chamamos de diaristas ou temporários, para auxiliar nas atividades como tirada de rama, trazemos pessoas para nos dar um apoio e na colheita a mesma coisa (Entrevistado 1/Cordilheira de Santana).

**Quadro 03 – Mão de obra contratada nas vitivinícolas de Santana do Livramento/RS**

Vitivinícolas	Funcionários Fixos	Funcionários Temporários
Cordilheira de Santana	6	4 a 30
Cooperativa Nova aliança	17	12
Miolo/Almadén	74	40 a 120
Salton	48	-

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo.

A Salton é a única vitivinícola analisada que não contrata mão de obra temporária. Conforme indicado na fala do entrevistado: *“a empresa não contrata funcionários temporários, devido à colheita ser mecanizada. Quando diminui o trabalho na lavoura, reutiliza o pessoal na operação da cantina”* (Entrevistado 4/ Salton). Ainda com relação à mão de obra, os entrevistados foram questionados se a mão de obra empregada na produção da vitivinicultura local era qualificada, se as contratações eram locais ou de fora do município e se havia dificuldade na contratação. Quanto à qualificação de mão de obra, destaca-se a fala de um entrevistado.

Em alguns casos se torna difícil conseguir enxertadores, por exemplo, que é uma atividade de difícil contratação, devido a poucos saberem executar a função, o restante para serviços simples não vejo problema, há disponibilidade de pessoas locais, principalmente pela falta de emprego (Entrevistado 5/Cordilheira de Santana).

As contratações são realizadas localmente e não foi evidenciado problemas com relação à qualificação da mão de obra, pois se o funcionário não for habilitado ele passa por capacitações dentro das próprias vitivinícolas. No entanto, com relação às leis trabalhistas, o entrevistado do grupo Miolo/Almadén destaca um fator relevante acerca da contratação de mão de obra. As restrições legais preveem um tempo de contratação após a demissão, 90 dias para demissões sem justa causa. Assim, os trabalhadores temporários mudam de tempo em tempo, a situação acaba gerando novas oportunidades, por outro lado provoca ônus para a empresa que precisa constantemente capacitar o pessoal. *“Os temporários são locais, por questões de contrato, não são os mesmos, a gente tem algumas restrições perante a CLT que daí não pode pegar o mesmo”* (Entrevistado 3/Miolo/ Almadén).

Os achados da presente pesquisa, com relação a mão de obra, diferem dos resultados de estudos apresentados anteriormente. Sarmento (2017) aponta a falta de mão de obra qualificada como sendo um gargalo no setor vitivinícola da Região da Campanha. Langbecker, Vallejos e

Zeppenfeld (2012), em pesquisa realizada no município de Dom Pedrito, também mencionam a dificuldade que ocorre no setor, em relação à mão de obra qualificada.

Quanto ao tipo de colheita utilizada pelas vitivinícolas analisadas, dois entrevistados informaram que a colheita das uvas é manual, na vitivinícola Cordilheira de Santana e na Cooperativa Nova Aliança. A vitivinícola Miolo/Almadén utiliza os dois tipos de colheita e a Salton informou que a colheita é cem por cento mecanizada, como demonstrado nas falas abaixo.

Manual e mecanizada, metade do vinhedo é manual e metade é mecanizada. Temos uns vinhedos antigos, que é mais ou menos a metade do vinhedo que não foi preparado para colheita mecânica. A partir de 2000, fizemos os primeiros testes com colheita mecânica. Vimos o que precisava e a partir de 2000 tudo começou a ser plantado nesse sistema e a máquina foi adquirida em 2010 (Entrevistado 3/Miolo/ Almadén).

A colheita é 100% mecanizada na vitivinícola Salton, se dando a melhor eficiência na colheita da uva. A colheita mecanizada no modelo que a gente tem é muito rápido e muito fácil de executar, infelizmente reflete negativamente com relação à geração de emprego, mas o que vamos fazer, não é? É uma questão de sobrevivência (Entrevistado 4/Salton).

Segundo Copat (2015), a colheita mecanizada difere da colheita manual no que se refere a capacidade de trabalho. Estima-se que a máquina colha um hectare por hora, utilizando-se apenas de um condutor para manejar o equipamento. Para manter o mesmo resultado na colheita manual, requer aproximadamente 22 pessoas envolvidas na colheita. Com a colheita manual o cacho das uvas é retirado inteiro, sendo transportado para a cantina, para a separação dos frutos antes de ir para a vinificação. Quanto à colheita mecanizada, os frutos já saem separados para a vinificação, não carecendo de seleção como ocorre na colheita manual.

É notório que a tecnologia influencia diretamente no rendimento da lavoura, porém no município, apesar dos avanços, ainda tem, na maior parte da produção, colheita manual, o que colabora para a geração de emprego temporário no período de safra e colheita. Porém, o avanço da mecanização em algumas das vitivinícolas reflete a projeção de que a mão de obra empregada vai reduzir e, a que ainda for utilizada vai precisar se especializar.

No que tange à produção média por hectare, atualmente as vitivinícolas santanenses produzem entre seis e dez toneladas de uvas por safra. O Quadro 04, abaixo, ilustra o que foi mencionado no decorrer das entrevistas.

**Quadro 04 - Produtividade média de uvas por hectare nos empreendimentos vitivinícolas de Santana do Livramento/RS**

Vitivinícolas	Produtividade média em toneladas por ha
Cordilheira de Santana	6 a 8
Cooperativa Nova Aliança	10
Miolo/Almadén	10
Salton	7

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo.

Já, com relação à matéria-prima, a Nova Aliança trabalha com associados da Região da Campanha, totalizando dez pequenos produtores que vendem as uvas *in natura*, para o processamento de vinhos. As uvas plantadas e colhidas pela Nova Aliança, juntamente com as recebidas dos associados, são processadas na unidade de Santana do Livramento. A vitivinícola Cordilheira de Santana, ao contrário das outras vitivinícolas situadas no município, é caracterizada como uma empresa de pequeno porte e centraliza todo o processo produtivo.

A vitivinícola Salton, semelhante à atuação da Nova Aliança, foi adquirida em Santana do Livramento com o objetivo da formação dos vinhedos próprios. A Salton recebe uvas *in natura* de pequenos produtores regionais, conta com mais de 20 fornecedores, totalizando em quilos de uvas aproximadamente três vezes o que é produzido nos vinhedos da unidade de Santana do Livramento (SILVEIRA, 2018). A Miolo/Almadén também internaliza a produção das uvas que utiliza na produção de vinhos.

Por fim, deve-se destacar que apesar dos fatores de relevância vitivinícola, a região da Campanha Gaúcha é marcada por grandes extensões territoriais em que o foco da economia é a produção pecuária. Contudo, a região vem ganhando prestígio pela qualidade da produção de uvas, bem como pela elaboração de vinhos finos. Pesquisas destacam que a região apresenta melhores condições para produção de uvas destinadas a vinhos finos. O fato pode ser evidenciado no relato do entrevistado da vitivinícola Salton:

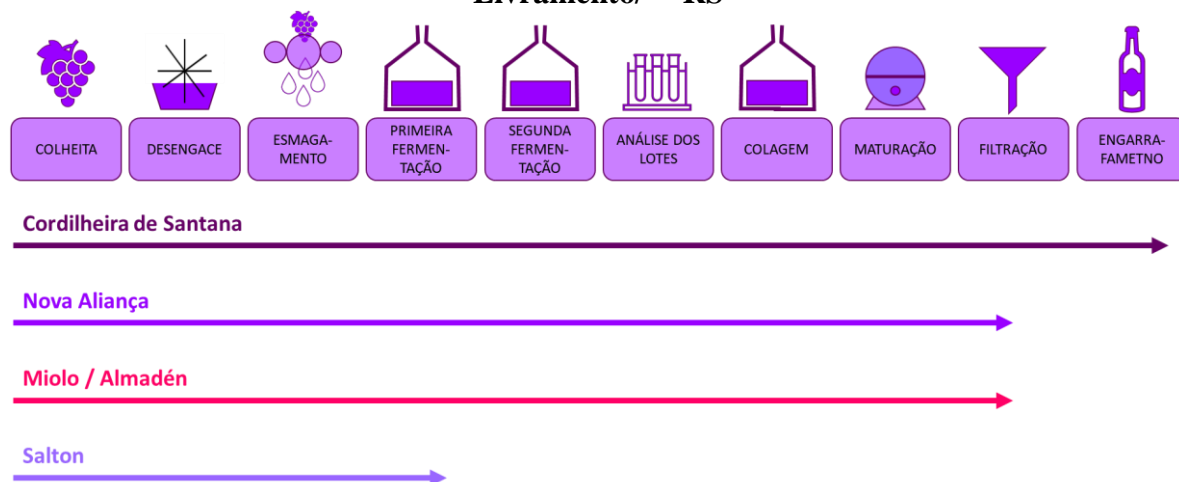
O cenário é muito bom em termos de produção, é muito bom porque aqui na nossa região a gente consegue além dos fatores climáticos, uma mecanização muito acentuada dos vinhedos, isso nos coloca competitivamente lado a lado com os Argentinos e Chilenos, por exemplo. A única forma que a gente tem de competir com eles é mecanizar e ter uma uva a um custo competitivo. Vai ser viável produzir uva na Região da Campanha, porque a Região da Serra Infelizmente [...] infelizmente é uma Região que está condenada. Lá é impossível ser competitivo com os argentinos e chilenos, porque você não consegue mecanizar, você não consegue fazer grandes áreas por causa dos terrenos, por causa do valor imobiliário da terra, enfim uma série de fatores até por falta de mão de obra (Entrevistado 4/Salton).

As condições climáticas mostram-se adequadas para a maturação da uva, assim como, em Santana de Livramento os custos são menores devido à redução de necessidade de tratamentos fitossanitários e a possibilidade de mecanizar a colheita, já que as áreas de plantações estão em superfícies planas.

Após a colheita da uva tem-se a vinificação. O processo de vinificação ocorre de forma distinta nas vitivinícolas analisadas. Apenas um dos empreendimentos realiza o processo completo no município, os demais, em fases distintas encaminham o produto para ser finalizado nas matrizes, na Serra Gaúcha. A Figura 2 evidencia o processo produtivo de cada uma das vitivinícolas.

O processo de vinificação completo, até o produto final, ocorre apenas na vitivinícola Cordilheira de Santana. “A cordilheira tem equipamento próprio para vinificar seu próprio vinho, ela cultiva, prepara a colheita, consegue vinificar, engarrafar, rotular e distribuir, tem tudo 100%” (Entrevistado 1/Cordilheira de Santana). Nas vitivinícolas Cooperativa Nova Aliança e Miolo/Almadén o processo de vinificação dos vinhos e base para espumante ocorre em Santana do Livramento. Os vinhos depois de prontos ficam armazenados em tanques de aço inox, nas próprias vinícolas e toda a produção é enviada para as matrizes na Serra Gaúcha - Flores da Cunha e Bento Gonçalves - para o engarrafamento. Como mencionado pelos entrevistados: “[...] o transporte para a matriz, em Bento, é realizado em caminhão tanque com capacidade para 30.000 litros, com temperatura controlada” (Entrevistado 3/Miolo/Almadén).

**Figura 02 - Processo de vinificação nas vitícolas e vitivinícolas de Santana do Livramento/ RS**



Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo.

Na vitivinícola Salton, tanto no processamento do vinho, quanto do espumante, são efetuados somente a primeira fermentação em Santana do Livramento, sendo finalizados e engarrafados pela matriz em Bento Gonçalves.

A nossa unidade é um estabelecimento que faz a primeira etapa de elaboração do vinho, a gente recebe a nossa uva e a uva de terceiros que compramos de produtores da Região, classifica e faz a prensagem, elabora a primeira etapa do vinho que é a primeira fermentação. O vinho passa por duas fermentações, a primeira a gente faz aqui e clarifica ele utilizando somente o sistema de frio, sem a filtragem e destina para a matriz (Entrevistado 4/Salton).

Os vinhos são engarrafados na Serra Gaúcha, com exceção da Cordilheira de Santana que faz todo o processo vitivinícola em Santana do Livramento, apesar de o material necessário para o engarrafamento como rótulos, rolhas e caixas para armazenamento serem adquiridos de fornecedores da Serra Gaúcha.

Quanto ao transporte dos vinhos, para os entrevistados das vitivinícolas Miolo/Almadén e Salton a logística não é considerada como um problema. “O transporte é terceirizado através de uma empresa de Bento não ocorre nenhum problema logístico quanto ao transporte do vinho” (Entrevistado 3/Miolo/Almadén). Na vitivinícola Cooperativa Nova Aliança o transporte do vinho para posterior vinificação é feito por caminhões próprios. Dos entrevistados, somente o representante da Cordilheira de Santana atribuiu a logística como negativa. Neste sentido, Souza e Kliemann Neto (2002) destacam que o transporte tanto a jusante quanto a montante é um elo que diminui a competitividade do setor. Assim, também é atribuído como um gargalo para a comercialização dos vinhos, tornando-se difícil contratar uma empresa que tenha cuidado para o transporte do vinho, tornando-o ineficaz ao longo da cadeia produtiva.

A distribuição segue a mesma lógica do engarrafamento, sendo centralizados na matriz de cada vitivinícola, com exceção da vitivinícola Cordilheira de Santana que conta com uma distribuidora de vinhos no estado de São Paulo. Do mesmo modo, a Cordilheira de Santana, possui um espaço dentro da vitivinícola que serve para a recepção de turistas e visitantes: “o visitante chega aqui, visita a empresa, ele pode degustar seu próprio vinho, depois da degustação ele se quiser, pode adquirir o vinho” (Entrevistado 1/Cordilheira de Santana). Os produtos da vitivinícola também podem ser adquiridos no site da empresa, por e-mail ou telefone.

Já a comercialização dos vinhos Almadén é realizada através da matriz da unidade: “*é tudo por Bento Gonçalves, a parte de comercialização, marketing e venda é tudo por lá*” (Entrevistado 3/Miolo/Almadén). Porém, a vitivinícola possui um espaço que serve para a recepção dos turistas e vende alguns produtos da marca. A Cooperativa Nova Aliança também comercializa os vinhos através da matriz em Flores da Cunha. “[...] *eles decidiram centralizar toda a distribuição, que é feita pela matriz, tínhamos a loja e varejo, mas também foi encerrado, aqui virou só a parte de produção mesmo* (Entrevistado 2/Cooperativa Nova Aliança).

A Salton não comercializa vinhos e espumantes em Santana do Livramento. No município é feita somente a primeira fermentação do vinho e a base para espumante, como menciona o entrevistado; “*o restante é tudo através da matriz, a comercialização, atacado e varejo*” (Entrevistado 4/Salton). As vitivinícolas Nova Aliança e Salton não exploram o desenvolvimento turístico, pois não fazem a visitação turística e conseqüentemente a comercialização direta dos seus vinhos. Já a vitivinícola Cordilheira de Santana, além de realizar todo o processo de elaboração do vinho no município abre as portas para visitação, degustação e comercialização. A vitivinícola Miolo/Almadén apesar de contar com a distribuição pela matriz em Bento Gonçalves também comercializa seus vinhos através das visitas turísticas aos vinhedos.

Por fim, destaca-se que o processo de vinificação é realizado por completo somente em uma das quatro vitivinícolas analisadas. As outras três fazem parte do processo em Santana do Livramento e encaminham para a finalização ser realizada nas matrizes, na Serra Gaúcha. O processamento final e engarrafamento na matriz restringe a formação de emprego e a renda no município. Ou seja, o atrativo para a instalação de vitivinícolas no município tem sido as terras com preços baixos e passíveis de mecanização, além de condições edafoclimáticas propícias para a produção de uvas finas.

Assim, com tais características e a falta de alguns elos na cadeia produtiva, a produção de uvas e vinhos em Santana do Livramento não tem gerado o tão almejado desenvolvimento. Pode-se dizer que os empreendimentos vitivinícolas locais têm se inserido na cadeia produtiva, no entanto, os principais elos da cadeia estão distantes, fazendo que os benefícios efetivos, como a geração de emprego e renda, a arrecadação de impostos, o fomento ao turismo, entre outros, do processo se dê fora do município, em especial na Serra Gaúcha.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil está em ascensão na produção de vinhos e o crescimento acontece, principalmente, devido às condições territoriais e climáticas que influenciaram diretamente na produção das uvas. Para tanto, a produção do país está sendo adaptada de acordo com o local de plantio e cultivo das uvas, o que por sua vez resulta em variedades diferenciadas em cada região. Neste sentido, observa-se que a inserção das empresas vitivinícolas de Santana do Livramento/RS na cadeia produtiva da vitivinicultura apresenta as particularidades da região e a ascensão da produção.

Com relação a identificação dos agentes a montante e a jusante da cadeia produtiva vitivinícola e os papéis desempenhados pelos agentes, identificou-se que a cadeia produtiva não está estruturada em Santana do Livramento, a produção de uvas e a vinificação depende de outras regiões do estado e Brasil, inclusive de insumos de outros países. Além disso, o processo vitivinícola não é concluído localmente, destinando-se boa parte da produção para a Serra Gaúcha para serem engarrafados e comercializados.

No entanto, a atividade vitivinícola encontra-se em expansão no município de Santana do Livramento. Considera-se a ampliação dos parreirais, o que gerará emprego e renda para os moradores locais e visibilidade para o município, ainda que existam dificuldades devido à distância dos grandes centros comerciais. Por outro lado, fica evidente que as vitivinícolas selecionaram a Campanha Gaúcha para a implantação de vinhedos próprios para a fabricação

de vinhos principalmente em decorrência do clima e do solo. A combinação de terras baratas com possibilidade de mecanização e o clima, solo e relevo da região foram fundamentais e permitem as vitivinícolas se manterem rentáveis e com possibilidades de expansão de produção. Porém, a agregação de valor não tem sido o principal objetivo, o que impede o efeito multiplicador de geração de emprego e renda, a partir da produção de uvas e vinhos.

Por fim, destaca-se a carência de pesquisas acadêmicas acerca da vitivinicultura em Santana do Livramento. Neste sentido, aponta-se para a relevância de estudos sobre a avaliação dos preços das terras adquiridas e comparadas com outros municípios. Inclui-se também a necessidade de avaliação de impacto da atividade no município e possíveis políticas públicas de geração de emprego e renda local.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DOS VINHOS DA CAMPANHA. **Clima**: localização geográfica. 2020. Disponível em: <<http://www.vinhosdaCampanha.com.br/>>. Acesso em: 22 de jun. de 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATALHA, M. O. **Gestão Agroindustrial**: GEPAI: Grupo de Estudos E Pesquisas Agroindustriais. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- BUAINAIN, A. M.; BATALHA, M.O. **Cadeia produtiva da carne bovina**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Secretaria de Política Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. Agronegócios. Brasília: IICA: MAPA/SPA, 2007.
- CALLADO, A. A. C. **Agronegócio**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- CASTRO, A. M. G. Prospecção de cadeias produtivas e gestão da informação. **Transinformação**, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 55-72, 2018.
- CORRÊA NETO, G. C.; MARINI, M. J; GAZOLLA, M. Políticas Públicas para Arranjos Produtivos Locais: uma análise do Sul do Brasil. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 39, n. 134, p. 179-193, 2018.
- COPAT, M. M. **Automação/Mecanização e Viticultura**. Disponível em: <<https://www.clavecongres.com/download/ENOLOGIA/Automação/Mecanizada/viticultura/MauricioCopat.pdf>> 2015. Acesso em: 11 de nov. 2018.
- CRANDALL, R. E.; CRANDALL, W. R.; CHEN, C. C. **Principles of supply chain management**. CRC Press, 2014.
- DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. A. **Concept of agribusiness**. Division of Research. Graduate School of Business Administration. Boston: Harvard University, 1957.
- EMBRAPA. EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Uvas viníferas para processamento em Regiões de clima temperado**. Disponível em: <<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Uva/UvasViniferasRegioesClimaTemperado/virus.htm/2003>>. Acesso em: 08 mai. 2018.
- EMBRAPA. EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Comunicado Técnico 201. **Vitivinicultura brasileira: panorama 2018**. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/203100/1/Comunicado-Tecnico-210.pdf>>. Acesso em: 03 de out. de 2020.
- EMBRAPA. EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Cadastro vitícola 2013 a 2015**. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/cadastro-viticola/rs-2013-2015/dados/home.html>> Acesso em: 05 mai. 2018.
- ENGELMANN, D. **Da estância ao parreiral**: um estudo de caso sobre a vitivinicultura em Santana do Livramento. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.



- FLORES, S. S. **Desenvolvimento territorial sustentável a partir dos territórios do vinho: o caso dos vinhos da campanha**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- GOLDBERG, R. A. **Agribusiness Coordination: a systems approach to the wheat, soybean, and Florida orange economies**. 1968.
- HEXSEL, A. E; DEONIR, D, De; WILK, E. Empreendedorismo, Inovação e Percepção por parte dos Consumidores do Valor de um Produto: O Caso da Vitivinícola Cordilheira de Santana. In: **Anais... XXIV Simpósio de Gestão e Inovação Tecnológica**, Gramado/RS de 17 a 20 de outubro de 2006.
- HIRSCHMAN, A. O. Transmissão inter-regional e internacional do crescimento econômico. In: SCHWARTZMAN, J. (org.). **Economia regional**, Belo Horizonte: CEDEPLAR, p. 35-52, 1977.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**: Tabela 1613 - Área destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes. Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em junho, 2019.
- IBRAVIN. INSTITUTO BRASILEIRO DO VINHO. **Informativo Saca-Rolhas**, Bento Gonçalves, RS, v.5, n. 12, p. 2-32, jul. 2014.
- IBRAVIN. INSTITUTO BRASILEIRO DO VINHO. **Produção de Vinhos e Derivados**. 2018. Disponível em: < <https://www.ibraivin.org.br/Dados-Estatisticos>>. Acesso em: 12 de jun., 2019.
- IBRAVIN. INSTITUTO BRASILEIRO DO VINHO. **Cadastro Vinícola: Evolução da quantidade de uvas processadas pelas empresas do RS (milhões de kg)**. Disponível em: <http://www.ibraivin.org.br/admin/arquivos/estatisticas/1502908612.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2019.
- KOBERG, E.; LONGONI, A. A systematic review of sustainable supply chain management in global supply chains. **Journal of cleaner production**, v. 207, p. 1084-1098, 2019.
- LANGBECKER, T. B.; VALLEJOS, A. F.; ZEPPEFELD, P. E. **Cadeia produtiva da uva para vinhos finos: um estudo de caso no município de Dom Pedrito-RS**. Disponível em < [http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa13/Cadeia\\_Produtiva\\_da\\_Uva\\_para\\_Vinhos\\_FinosUm\\_Estud\\_o\\_de\\_Caso\\_no\\_Municipio\\_de\\_Dom\\_Pedrito\\_RS.pdf](http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa13/Cadeia_Produtiva_da_Uva_para_Vinhos_FinosUm_Estud_o_de_Caso_no_Municipio_de_Dom_Pedrito_RS.pdf)>. Acesso em: 07 mai. 2018.
- LEHTINEN, U.; TORKKO, M. A Contract Manufacturer Goes Lean: How to Analyze and Develop Value Streams. **Paradoxes in Food Chains and Networks**, p. 859-869, 2002.
- MANFIO, V. A vitivinicultura no espaço geográfico do Rio Grande do Sul, Brasil: uma abordagem sobre a Campanha Gaúcha. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, MG, v. 20, n. 70, p. 4. 2019.
- MELLO, L. M. R. de. **Panorama da vitivinicultura brasileira em 2014**. Disponível em < <http://www.revistacampoenegocios.com.br>>. Acesso em 15 ago. 2015.
- MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.
- MORVAN, Y. **Fondements d’Economie Industrielle**. França: Economica, 1991.
- NG, D. Supply Chain Organization through Entrepreneurship and Management of Knowledge Networks. **Paradoxes in Food Chains and Networks**, p. 340-351, 2002.
- PEROBELLI, F.S.; ARAÚJO JUNIOR, E.F.; CASTRO, L.S. As dimensões espaciais da cadeia produtiva do leite em Minas Gerais. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.28 n.1 p.297-337, 2018. <https://doi.org/10.1590/0103-6351/4789>.
- PINAZZA, L. A. Cadeia produtiva da soja. **Agronegócios**, v.2. Brasília: IICA: MAPA/SPA, 2007.
- RATHMANN, R. et al. Diversificação produtiva e as possibilidades de desenvolvimento: um estudo da fruticultura na região da Campanha no RS. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 46, n.2, p. 325-354, abr/jun. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032008000200003>

- 
- ROSA, N. B. da. **O impacto da fruticultura no desenvolvimento econômico da região da Campanha-RS entre 1996 a 2015**. 2018. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018.
- SARMENTO, M. B. **Diagnóstico da cadeia da vitivinicultura na campanha gaúcha: Potencialidades para o desenvolvimento regional**. Bagé: Ediurcamp, 2017.
- SAVOIA, J. R. F. **Agronegócio no Brasil: Uma perspectiva financeira**. São Paulo: Saint Paul. 2009.
- SOUZA, S. O.; KLIEMANN NETO, F. J. Desenho e análise da cadeia produtiva de vinhos finos gaúchos. In: **Anais... XXVI Encontro da Associação Nacional dos XXVI Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração: Programas de Pós-Graduação em Administração**, Salvador, 2002.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOBA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- SILVEIRA, M. B. **Marketing de lugares como promotor do desenvolvimento territorial: análise nas empresas vinícolas da região da Campanha Gaúcha**. 2018. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, RS, 2018.
- TRICHES, D.; SIMAN, R. F.; CALDART, W. L. **Identificação e análise da cadeia produtiva da uva e do vinho na região da Serra gaúcha**. Texto para Discussão, UCS, Caxias do Sul, 2004. Disponível em: <[https://fundacao.ucs.br/site/midia/arquivos/IPES\\_TD\\_005\\_MAR\\_2004.pdf](https://fundacao.ucs.br/site/midia/arquivos/IPES_TD_005_MAR_2004.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- ZEPPENFELD, V. B. **Perfil dos produtores de vinhos finos em escala comercial no município de Dom Pedrito/RS**. Trabalho de Conclusão (Tecnologia em Agronegócio), Universidade Federal do Pampa, Dom Pedrito, 2013.
- VIDA RURAL. **Consumo per capita de vinho no mundo**. Disponível em: <<https://www.vidarural.pt/agroindustria/portugal-tem-o-maior-consumo-de-vinho-per-capita-do-mundo/>>. Acesso em junho, 2019.
- WOOD JR, T.; ZUFFO, P. k. Supply Chain Management, **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 38, n.3, p. 55-63, jul./set. 1998.

---

<sup>i</sup> Uma versão da pesquisa foi publicada no IX Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional: processos, políticas e transformações territoriais, ocorrido de 11 a 13 de setembro de 2019, na Unisc, Santa Cruz do Sul/RS.

<sup>ii</sup> Em Santana do Livramento existem outros produtores, de menor porte, com características distintas dos analisados, que não fazem parte da Associação dos Vinhos da Campanha.